

ID: 120305566

26-11-2025

Incêndios dizimam pinheiro-bravo e causam 83 milhões de prejuízo



Diana Morais Ferreira
diana.ferreira@jn.pt

RELATÓRIO Este ano, arderam mais de 56 mil hectares de pinheiro-bravo, 7% da área total, tendo causado um prejuízo de 83 milhões de euros. A região mais afetada foi a das Beiras e Serra da Estrela, que perdeu mais de 25 mil hectares de floresta no fogo (ler em baixo). O presidente do Centro Pinus, associação que reúne os principais agentes da fileira do pinho, alerta para a falta de compensações para os produtores e garante que o “investimento de risco” afasta os proprietários e futuros investidores.

Pelo segundo ano consecutivo, a produção de pinheiro-bravo em Portugal é devastada pelos fogos. Em 2024, arderam 23 mil hectares, resultando num pre-

juízo de 34 milhões de euros; neste ano, a área assolada mais do que duplicou, tendo ardido 56 210 hectares e causado danos de 83,1 milhões, revela o estudo do Centro Pinus. “Quando ouvimos o cálculo dos impactos do incêndio, pensamos: e agora? Temos um prejuízo, em matéria de lume de madeira, de 1,9 milhões de metros cúbicos, uma barbaridade, é praticamente metade do que o setor consome num ano. O grande problema é que muitos dos produtores, que ficam com prejuízos enormes, não conseguem repor a situação, porque não têm suporte financeiro para o fazer”, afirma João Gonçalves, presidente do Centro Pinus.

COMPENSAÇÕES DE 2500 EUROS
Secundino Nascimento foi um dos proprietários mais afetados

pelos incêndios deste ano: perdeu 300 hectares de pinheiro-bravo, mais de dois milhões de euros de prejuízo. “Foi um prejuízo terrível. Perdi praticamente 80% de floresta num dia e meio. Pinheiro-bravo, eucalipto, carvalho, castanheiro”, conta o produtor, de 69 anos.

Depois da destruição, aparece o grande problema. Para repor a área que perdeu, o produtor de Trancoso teria de investir cerca de “2000 euros por hectare”, sendo que só conseguiria obter o retorno do investimento daqui a 15 ou 20 anos, período em que se somam as despesas com a manutenção da produção das espécies. Contudo, o também presidente da empresa Floponor, que perdeu cerca de 200 hectares nos incêndios, garante que “não sabe” o que fazer, mas garante que não irá investir em toda a área perdi-

↑ A produção de pinheiro-bravo em Portugal foi novamente devastada pelos fogos

HECTARES PERDIDOS

Beiras e Serra da Estrela	25 649
Douro	11 292
Região de Coimbra	7226
Viseu e Dão Lafões	4525
Beira Baixa	2763
Terras de Trás-os-Montes	2008
Outras	2747

SABER MAIS

Idades

Em 47% da área ardida, os pinheiros-bravos tinham mais de 30 anos e em 37% da floresta perdida as espécies tinham menos de 20 anos. E 16% dos pinheiros-bravos destruídos pelo fogo tinham entre 20 a 30 anos.

Guarda, Viseu e Arganil

O grande incêndio em Arganil e os incêndios na Guarda e Viseu foram responsáveis por 66% da área ardida de pinheiro-bravo em 2025.

NORTE/SUL

ID: 120305566

26-11-2025

**Proprietários
queixam-se da falta
de apoios e
recompensas. São
necessários mais de
112 milhões de euros
para repor danos**

da. “É um risco completo. Não há nenhuma salvaguarda, não há seguros e não há apoios como na agricultura”, explica Secundino Nascimento.

Segundo a análise do Centro Pinus, será necessário investir 112 milhões de euros para repor o potencial produtivo perdido nos incêndios, por meio de ações de rearborização ou condução de regeneração natural. Os produtores com povoamentos com idade superior a 20 anos terão de investir, em média, 1700 euros por hectare para gerir a regeneração natural nos próximos 7 a 10 anos, não sendo necessário a rearborização. E os proprietários de pinhais com idade inferior a 20 anos terão de rearborizar para manter o potencial produtivo, num investimento médio de 2500 euros por hectare.

“INVESTIR NÃO COMPENSA”

Para o Centro Pinus, nos povoamentos com idade inferior a 30 anos, os proprietários deveriam receber uma compensação de 2800 euros por hectare, em caso de destruição. “Não existem medidas compensatórias como noutros setores da economia. Um produtor não produz só madeira. Se os produtores florestais resolvessem todos cortar as árvores, eventualmente, a qualidade da água não era a mesma, a paisagem não era a mesma, o carbono captado pela floresta também não era o mesmo. E, os proprietários recebem zero”, acrescenta João Gonçalves. O presidente da Centro Pinus garante que a falta de medidas acaba por fazer “desistir” os atuais proprietários e afasta possíveis investidores.

Em 37% da área de pinheiro-bravo ardida poderá não ocorrer regeneração natural em quantidade suficiente para gerar novos povoamentos, uma vez que têm menos de 20 anos. “O pinheiro tem uma particularidade. Quando é adulto, deixa semente no solo, que garante a regeneração natural. Mas, quando é jovem, as sementes férteis não existem”, explica João Gonçalves. ●



OFERTA

Preço da madeira vai subir

De acordo com o estudo da Centro Pinus, a partir de outubro começou a notar-se um desequilíbrio entre a oferta e a procura de madeira. João Gonçalves, presidente da associação, explica que dada a quantidade de madeira que ardeu e que, consequentemente, fez os produtores venderem rapidamente o material que tinham, levou a uma descida dos preços. “Se temos 1,9 milhões de metros cúbicos de madeira a ser cortada rapidamente para uma indústria que deveria consumir esse valor durante um ano inteiro, a situação gera desequilíbrios entre a oferta e a procura, e os valores do mercado também são afetados”, explica. No entanto, o mesmo não acontecerá nos próximos anos. “Depois desta madeira toda ser vendida, o preço vai subir muito. A madeira que está verde vai ser muito mais cara porque o défice vai ser ainda maior. As áreas que arderam vão demorar anos ou décadas a recuperar e a chegar à indústria de serração”, acrescenta ao JN.

Território Fogos dizimaram
pinheiro-bravo e causaram
prejuízo de 83 milhões **P. 10**